



TRICANA

Desenho de Ferreira da Costa

(Para a capa de «O fado de João de Deus», que se vai publicar, adaptado ao plano por Isidoro Aranha)

2.ª série — N.º 477

Ilustração Portuguesa

Lisboa, 12 de Abril de 1915

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑHA

Trimestre..... 1820 ctv.
Semestre..... 2840 *
Ano..... 4880 *

Número avulso, 10 centavos

Edição semanal do jornal O SEculo

Agencia da ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA, em Paris,
Rue des Capucines, 8

Dirêtor: J. J. DA SILVA GARRAÇA
Propriedade de J. J. DA SILVA GARRAÇA, Ltd.
Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES

Redação, administração, oficinas de composição e impressão
RUA DO SEculo, 43

REMINGTON
UMC

Rifle de Repetição Calibre 22 Para Tiro Ao Alvo E Caça Meuda



Para uma boa recreação no campo experimente-se este Rifle de repetição calibre .22. É leve, certo, rápido e bastante para toda a caça meuda. Não se deve temer nenhum accidente devido a que esta arma está provida com deposito solido e cão invisível. Fazem-se unicamente de calibre .22.

Repetidora Marca REMINGTON-UMC. Peçam para ver este Rifle.

Acham-se á venda nas principaes casas d'este genero.

Remington Arms-Union Metallic Cartridge Company
299 Broadway, Nova-York, N. Y. E. U. da A. do N.

Representantes:

No Sul do Brazil
LEE & VILELA
Caixa Postal 420, São Paulo
Caixa Postal 183, Rio de Janeiro

No Territorio do Amazonas
OTTO KUHLEN
Caixa Postal 20 A.
Mandau

Agto: em Portugal: G. Helton Ferreira, L. do Camões, 3, Lisboa

A VENDA

Almanaque d'O SECULO

(ILUSTRADO)

A VENDA

TELEPH. 2638
PERFUMARIA
ROSA DO OURO
COLOSAL
SORTIMENTO
Rua do Ouro, 281 JOAQUIM R. ALVES
LISBOA

FOTOGRAFIA

Rentlinger

A MAIS ANTIGA DE PARIS
AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

21, Boulevard Montmartre — PARIS

TELEPHONE: Gutenberg 42-09

ASCENSOR

CRÈME SIMON
PARA
conservar ou dar
ao rosto
**FRESCURA
MACIEZA
MOCIDADE.**

Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmosphera, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o **CRÈME SIMON**.

Os **PÓS de Arroz SIMON** e o **SABONETE Crème Simon**, preparados com glicerina, a sua acção benéfica é tão evidente que não ha ninguém que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

MÉDAILLE D'OR, Paris 1900
J. SIMON, 50, rue du faubourg PARIS 10^e
PHARMACIAS, PERFUMERIAS
e lojas de Cabellereiros.

Desconfiar das Imitações.

PARA ENCADERNAR

"Ilustração Portuguesa"

Já estão á venda as capas em percaline de fantasia para encadernar o **SEGUNDO SEMESTRE** de 1914, da *Ilustração Portuguesa*.

PREÇO: 360 réis

Tamhem ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Envia-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia póde ser remtida em vale do correio ou ordens postaes. Cada capa vae acompanhada do indice e frontespicio respectivo.

ADMINISTRAÇÃO DO «SEculo»

Rua do Seculo, 43—LISBOA

REMEDIO FRANCES

**XAROPE
FAMEL**
CURA AS
TOSSES
FRASCO 1 ESCUDO

em todas as farmacias ou no Deposito Geral, J. DELIGANT, Rua dos Sapateiros, LISBOA. Franco de porte com o envio 2 Frascos.

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA CRONICA

N.º 477

12-4-1915

As saias

Poirot—conhecem Poirot?—o grande Poirot, o homem da saia calção, das «turqueries», dos vestidos persas e dos pepllos ondulantes, Poirot, adorado por umas, execrado por outras, o inovador convulsivo que faz impressionismo, que faz cubismo nas modas que inventa, o costureiro extravagante



crijos vestidos sucintos se metem n'uma carteira ou n'um regalo, e a cujo capricho insubmisso se curva toda a elegancia europêa,—acaba de decretar as saias de grande roda. As belezas profissionais, que hontem não pod am dar um passo,—podem amanhã dançar o cancan. A saia, que ainda o ano passado tocára o absurdo da leveza e da transparencia,—começa o movimento de expansão que

ha-de fozel-a regressar aos guarda-infantes do seculo XVII, ao *pannier* do seculo XVIII, e á saia de balão de 1860. A' mulher-âmphora vai succeder a mulher-sino. Entrámos outra vez no caminho da *crinoline*. Poirot, depois de ter despidio as nossas mulheres,—lambrou-se amavelmente de as vestir. E nós, que lhe agradecemos e lhe pagámos quando elas andavam nuas,—agora, que ele as vestiu, temos pelo menos o dever moral de nos confessar muito reconhecidos.

Musica

Viana da Mota vae fazer executar em S. Carlos, a sua cantata—*Invocação dos Luziadas*. David de Souza vae resurgir, nos concertos do Polyteama, os velhos musicos portugueses de cabeleira,—David Péres, cujo retrato se vê no teto d'uma das salas de Queluz, o grande Cordeiro, que se constipava quando as infantas voltavam as folhas dos papeis de solfa, e, acima de todos, Marcos Antonio Portugal. E' o favor do publico que tem tornado possiveis estas largas demonstrações musicaes. Esse favor provém, naturalmente, de nobres solicitações de espirito que se vão fazendo sentir, cada vez mais vivas, na sociedade portugueza. O culto da musica, que nunca deixou de existir em Portugal, tem-se acentuado nos ultimos anos, de fôrma a tornar-se, de facto, a unica exigencia estética do nosso publico. Lisboa é, já hoje, um meio musical educado e interessante. O que não se compreende bem, é como n'esse meio, incontestavelmente propenso á cultura da musica, foi possivel conservar fechado durante cinco epochas um Teatro de Opera.



Marcelino Mesquita

Foi nomeado vogal, por parte do governo, do Conselho Superior de Instrução Publica, um grande dramaturgo portuguez, o autor do *Envelhecer* e da *Dôr Suprema*, do *Regente* e dos *Peraltas*: Marcelino Mesquita. Semelhante distincção, conferida a um homem estranho ao professorado, estranho á politica, estranho aos partidos; a um homem que foi, durante toda a sua vida, na mais nobre expressão da palavra, um escritor e só um escritor,—não honra apenas o Governo, que a conferiu: honra o proprio Conselho, onde os creadores de beleza são, por direito de conquista, os verdadeiros representantes das Faculdades de Letras e das Escolas d'Arte. O espirituoso Duclos dizia, no seculo XVIII, que os politicos detestavam os escritores:

«ils nous craignent comme les voleurs craignent les reverberes». Entre nós,

é justo confessar que nem sempre houve essa incompatibilidade,—e muito menos essa aversão. Foi a mão dos politicos que chamou aos conselhos da corôa Garrett, Mendes Leal, Rebelo da Silva, Tomaz Ribeiro, Pinheiro Chagas, Antonio Ennes e Oliveira Martins; foi a mesma mão caluniada e poderosa que colocou nas primeiras legações da Europa e da America Junqueiro, Abel Botelho, Teixeira Gomes,—e que fez Eugénio de Castro professor da Universidade. A nomeação de Marcelino Mesquita para o mais alto corpo consultivo da Instrução nacional é ainda a expressão d'essa justiça que nem sempre os poderes publicos tem negado aos homens de letras portuguezes.



Camilliana

O conde de Paço Vieira, antigo ministro de Estado, espirito d'uma superior cultura e d'uma rara elegancia, acaba de publicar uma carta inédita de Camilo. Não quiz o nobre titular, a quem os estudos juridicos são tão familiares como as belas letras, deixar ignorado um documento que dignifica a memoria do grande morto. A carta de Camilo, agora publicada, pertence ao numero d'aquelas que o podem e devem ser. E' um documento literario. Outro tanto não succede a oitenta cartas intimas e inéditas do autor da *Corja*, de que o sr. Conde de Paço Vieira prodia dispor, e que não publicou nem publica para não atraçoar o respeito que lhe merecem o nome: e a gloria de Camilo. Bem haja.

JULIO DANTAS.

(Illustrações de Manoel Gustavo).



TOMMY é soldado de infantaria ligeira. Magro, alto, os braços compridos, a cabeça forte e loura rematando um esguio pescoço, tem o ar mais sôcagado d'este mundo quando descreve á mulher e aos amigos a sua ação nos campos de batalha. Porque Tommy foi heroe em Mons, no Marne e no Yser e só ha tres semanas é que descança n'um confortavel *rocking-chair* da habitação familiar, convalescente de doze buracos que os estilhaços das granadas lhe abriram no corpo.

—Imaginem vocês—diz ele—que os maiores combates da guerra atual teem-se ferido ao domingo. Não é curioso? Pois, n'um domingo também principiou a batalha do Marne...

Esta coincidência estranha mergulha os ouvintes n'um rapido cismar e o soldado, imperturbavel, continúa a narrativa:

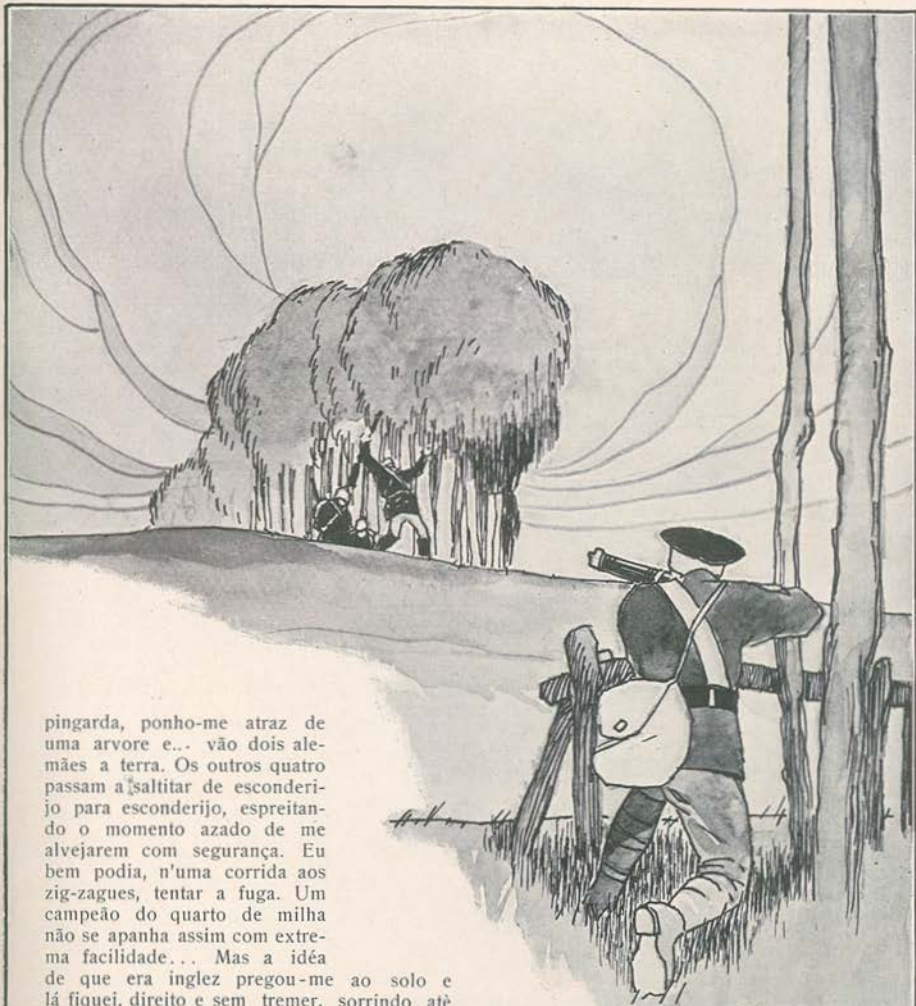
—Retirámos de Mons porque os alemães eram em numero dez vezes superior. Pareciam carreiros de formigas atravessando as planicies da Belgica... Nas primeiras horas de recuo, circulou por todos nós um leve estremecimento de desgosto. Francamente, aquillo de ceder terreno ao inimigo não quadrava a um exercito de Sua Magestade Britanica... Mas, houve quem explicasse a retirada como o processo habilidoso de atrair os alemães ao engano de uma ratoeira, e, d'aí por diante, esperaríamos, confiadamente, que nos mandassem parar, dar meia volta e arrancar de novo sobre a onda tumultuaria já ululante de triumpho.

«Comtudo, embora recuando, sempre lhes

démos agua pela barba. Atraz de nós, os obstaculos cresciam e avolumavam-se, dificultando-lhes a marcha e embaraçando-lhes os movimentos. Lembro-me muito bem d'aquelle dia enevoado de setembro em que um automovel cheio de soldados inimigos se precipitou no rio. A cena foi triste e foi grandiosa!... Tínhamos acabado de passar a ponte, uma ponte magnifica, toda de pedra branca, que, decerto, custou milhares e milhares de libras, e eu quedara-me a olhar o monumento que os nossos engenheiros iam destruir, quando, ao longe, na estrada que vinha direita á ponte, descobri um automovel rodando a grande velocidade. Palavra... n'esse momento, senti o desejo irresistivel de, com um gesto humanitario, avisar aqueles infelizes que corriam para a morte certa... Diabo! Eram soldados... Mas não fiz gesto nenhum, os engenheiros incendiaram o rastilho, a ponte boroou-se com a explosão de dinamite e depois da sacudida tremenda, coisa parecida á descarga simultanea de varios canhões, entre as duas margens, da altura de tres homens sobrepostos, cavou-se o abismo. Os do automovel não viram nada d'isso e como só tinham, naturalmente, olhos para nós, proseguiram na marcha e tombaram a pique dentro do Marne. E antes que dessem fé do que lhes succedia, as aguas do rio amortalhavam carro e passageiros...

Minuto a minuto e meio de silencio. Tommy acende o cachimbo e enquanto as espiraes de duas fumaças vagarosamente sobem ao tecto, ele desfia novo episodio:

—D'outra vez, achei-me isolado n'um bosque e a menos de cem jardas caminhavam desalentados seis alemães. Lanço mão da es-



pingarda, ponho-me atrás de uma árvore e... vão dois alemães a terra. Os outros quatro passam a saltitar de esconderijo para esconderijo, espreitando o momento azado de me alvejarem com segurança. Eu bem podia, n'uma corrida aos zig-zagues, tentar a fuga. Um campeão do quarto de milha não se apanha assim com extrema facilidade... Mas a idéia de que era inglez pregou-me ao solo e lá fiquei, direito e sem tremer, sorrindo até das frases que me disparavam, aconselhando insistentemente a rendição. E procedi com acerto, porque d'aí a pouco apareceram tres camaradas de artilharia que os não liquidaram logo ali de pronto porque eles pediram misericórdia e de comer. Também concordei em que se lhes poupasse a vida e, ao chá, com lagrimas nas faces, agradeceram-nos a delicadeza. Um d'eles era pae de tres crianças e ocultava os retratos dos *babies* n'um estoio de couro entre a fardeta e a camisola...

Outras fumaças do cachimbo e a narrativa do soldado entra agora precisamente na batalha do Marne:

—No dia 4 de setembro, deixámos de recuar e as bandas de musica dos alemães, que ensaiavam repertorio para a entrada soléne em Paris, emudeceram por completo. Estabelece-

mos contacto com os francezes e em 5, á noite, abrigámos-nos nas trincheiras das imediações de Coulommiers. Dizia-se que o inimigo romperia antes da meia noite e de facto rompeu, valha

a verdade, n'um estilo de primeira ordem. Fazia muito escuro e afugentámo-nos tres dos aeroplanos, pairando no ar como passaros enormes. N'essa ocasião, vi, distintamente, os sinais que eles usam para indicar á sua artilharia as nossas posições... Deitam cá para a terra uns balões de cor azulada e, como são interessantes, a gente põe-se a admirá-los, quando, ato continuo, a artilharia troa com tanta violencia que até temos a impressão de que o planeta se remexe e vamos ficar ali se-pultados...

«Depois da meia noite, descerrou-se o luar e uma brigada de infantaria inimiga, creio que a 32.^a, surgiu, tilintando as baionetas, na margem esquerda do canal que nos separava. A distancia curta, vinha um regimento de uhlanos. Recebemos ordem de fogo vivo e durante quasi uma hora foi despejar balas e mais balas que ceifaram os alemães, semeando o terreno de mortos e feridos. E assim que nasceu a manhã, eles é que recuaram e nós fomos para a frente, de escalão em escalão, contentes, satisfeitos, talvez convencidos de que a nossa marcha só terminaria em Berlim.

«No dia 6, á tarde, soubemos pelos exploradores que o inimigo ainda manobrava á distancia de milha e meia, junto de um rio, e continuámos a avançar, a progredir, desalojando-o, por fim, n'uma carga esplendida. Ah! se vocês lá estivessem... N'aquilo de cargas ha dois sistemas diferentes. Os alemães aproveitam-n'as para exhibições de espetaculo, fazem-n'as com aparato, rufos de tambor, toques de corneta e bandeiras desfraldadas ao vento. Nós, não... As bandeiras ficaram nos quartéis, porque só servem em parada e o sinal de arrancar é dado pelo apito ou n'uma voz breve de comando. Somos mais praticos do que eles. O essencial, para nós, é entrar em ação rapidamente, decididos e energicos, sem outro acompanhamento de musica guerreira que o estrondear do canhão ou o crepitar das metralhadoras.

«Mas, o inimigo, com essa carga, não voltou logo para a Alemanha. Voltou, sim, a atacar-nos em força, trazendo grande reserva de

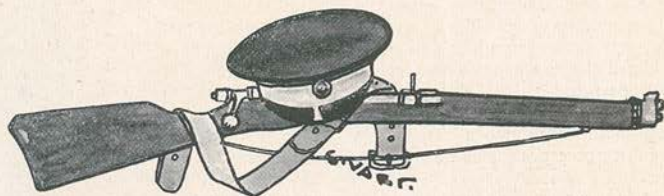
cavalaria e munições. O comandante do Worcester, aquele rapaz que era *goal-keeper* dos Gladynian, ordenou: «Firmes! armar baionetas!...». O aço reluziu e, n'uma nuvem de poeira, empurrámos a densa massa, esburacando-a, obrigando-a a esfarelar-se e a disseminar-se n'um côro de gemidos e de imprecações. A' noite, reconstituimo-nos e tornámos a avançar. Um corpo de alemães fez-nos frente, disparando da sua bateria de morteiros as granadas de lidite, que soltam fumorada venenosa e sufocante. Mas a nossa artilharia desfilou ao longo do rio e, apanhando de travez a direita do inimigo, fel-a calar como por encanto...».

Novo minuto de silencio. Tommy ainda conta, sereno e imperturbavel, as peripecias do esforçado recontro de Coulommiers — a povoação disputada rua a rua, casa por casa, a metralha dos alemães sempre a chover com regularidade e abundancia, a seu lado caíram tres rapazes dos Coldstream e, mais adiante, caíram seis — e, asseverando que, desde essa época, a estrela de Guilherme II começou, efétivamente, a empalidecer, finalisa d'este modo, a narrativa:

— Creiam vocês... O peor da guerra não é o fogo mortifero, as balas que furam ou as baionetas que rasgam... Quem vae ali, já sabe o que espera. E' uma questão de sorte... Ser ou não ser atingido... O peor, meus caros, aquilo que nos enerva e, ás vezes, nos enche de raiva, é estar a gente dois dias e mais sem tomar um banho nem escanhoar a pele da cara!

E a mulher e os amigos de Tommy, tão ingleses como ele, são da mesma opinião.

JORGE DE ABREU.



A favor dos feridos da guerra

Os srs. Francisco Vieira e Francisco Valejo, com a cooperação do sr. visconde de Alvalade, de seu neto o sr. José Holtreman Roquete e ainda do nosso distinto colega sr. dr. José Pontes, organizaram uma esplêndida festa desportiva que se realizou no imponente «Stadium de Lisboa», a favor da subscrição aberta no «Seculo» para os feridos da guerra.

O espetáculo, que foi interessantíssimo,

1. O sr. visconde de Alvalade — 2. O sr. José Holtreman Roquete — 3. O sr. dr. José Pontes

A vitória na corrida «Nacional» coube ao valeroso «sprinter» Carlos Fernandes, bem como a do «handicap». Na prova de motocicletas de amadores foi vencedor o sr. Raul Afonso e na dos profissionais o sr. Manuel de Sousa Neves. A corrida de senhoras foi interessantíssima, sendo vencedora a gentil artista «mademoiselle» Lefevre.

Também no hipódromo de Palhavã se realizou uma festa hípica a favor da subscrição da benemerita Sociedade da Cruz Vermelha para os feridos da guerra, á qual assistiu o sr. dr. Manuel d'Arriaga, que pagou o programa que a comissão lhe ofereceu com 50 escudos. Todas as provas realizadas resultaram brilhantíssimas, ouvindo os «sportsmen», que n'ela tomaram parte, os mais vivos aplausos da assistência.

4. Os corredores de motocicleta srs. Manuel de Sousa Neves, João Matos e Januario Sales

apesar da tarde desagradável que esteve, conseguiu uma concorrência numerosa, sendo alvo das maiores demonstrações de simpatia os vencedores dos varios exercicios que se executaram.



5



7



6

5. As ciclistas irmãs Ancillotti e Henriette Lefevre — 6. As amazonas que tomaram parte na festa hípica — 7. Os officiaes que ganharam a prova civil militar. — (Clichés Benoit).

Uma festa de arte no Porto



A sr.ª D. Maria Virginia, professora
 Executantes: 1. Mademoiselle Maria Adelaide Dias Pinto.—2. Mademoiselle Deolinda Macedo de Carvalho.—3. Mademoiselles Maria Carlota Monteiro e Ana Placida.—4. Mademoiselle Lucilla Araujo Lima.—5. Mademoiselle Amelia Peon.—6. Mademoiselle Nalza Salgado.—7. Mademoiselle Branca Isabel Grijó.—8. Mademoiselle Maria Adelaide Gasimiro.—9. Mademoiselle Maria Henriqueta dos Santos.—10. Mademoiselle Maria dos Prazeres Dias Pinto.—11. Mademoiselle Isaura Monteiro.—12. Mademoiselle Elvira Gasimiro.—13. Mademoiselle Elisa Monteiro.—14. Mademoiselle Maria Emilia Grijó.—15. Mademoiselle Alzira Monteiro.—16. Mademoiselle Julia Martins Coelho.—17. Mademoiselle Angelica Guimarães.

Para celebrar o aniversario natalicio de sua mãe a distinta professora e eximia pianista sr.ª D. Maria Virginia David realizou uma festa de arte em sua casa, na qual tomou parte como executante um grupo de alunas suas. Foi uma festa encantadora, que por muito tempo viverá na memoria dos que a ela assistiram. Tocaram-se trechos difficilimos, tendo todas as executantes recebido freneticos aplausos pelo brilhantismo que deram ás peças executadas. As honras d'essa festa foram, como não podia deixar de ser, para a distinta professora, que sendo ainda muita nova, já é muito conhecida no Porto pelas suas qualidades superiores para o ensino e como pianista muito apreciavel

Semana Santa

As festas que a Igreja celebra para comemorar a Paixão de Cristo tiveram este ano desusada concorrência, para o que muito contribuíram tres esplendidos dias cheios de sol, que irresistivelmente convidavam a um passeio. E esse sol de verdadeira primavera atraiu ás ruas as elegantes de Lisboa que, a pretexto de uma visita ás Casas do Senhor, luziram as mais esplendidas «toilettes» mostrando-se em toda a sua graciosidade e gentileza. Igrejas e confeitarias, que n'aquelles dias se vestiram das suas mais ricas galas, tiveram numerosissimos visitantes, a ponto de nem a umas nem a outras ser facil o acesso.



1. Descendo o Chiado.—3. Fieis saindo da igreja dos Martires.—(Clichés Benolleel).



A queda do "Zeppelin"

A Guerra Junqueiro

Paris. E' meia noite. A primavera
Desponta, sorridente e calma. Tudo
Revive e cresce e brilha e recupera
A seiva, a Vida:—a Terra, o Espaço mudo.

Dorme a Babel. Na noite, como escudo,
Surge o reptil aereo; estaca, espera;
E, revolvendo o dorso feio e agudo,
Em dejétos de fogo explóde, a fera.

Paris, a sempre linda, despertando
Do seu sonho d'Amor e de Bondade,
Sorri... E o avejão abala, árfando,

E tomba, a estrebuchar, sobre a cidade,
— Mensageiro da Morte agonisando
Na primavera astral da Liberdade:.

Paris, 21 de Março de 1915.

Antonio Luzitano.

A festa das Dôres no Porto

Stabat Mater dolorosa
Juxta crucem lacrymosa
Dum pendebat Filium.

Esse hino litúrgico, todos os anos entoado pela Igreja, na sex-

no Porto se realisa e reveste sempre um brilhantismo extraordinário, não só pela riqueza das ornamentações, mas ainda pela musica religiosa, que é escolhida

dos autores de maior fama e em cuja execução toma parte os distintos amadores de canto e professores de orquestra, e principalmente pela seleção da assistência. Outra, nos coros, entram quasi sempre cantores do teatro lirico, para esse fim especialmente contrattados. Depois do incendio do S. João, a Irmandade tem-se servido, como sóe dizer-se, da prata da casa, recorrendo a senhoras e cavalheiros que amavelmente se prestam a colaborar no esplendor d'essa solemnidade.

Este ano, por exemplo, o notavel maestro Raimundo de Macedo regou uma sinfonia, José de Brito cantou deliciosamente uma *Ave Maria* de Millard, e, ao ofertorio, fez-se ouvir uma orquestra de senhoras, sendo tambem cantada, a tres vozes, a *Ave Maria* de Marchetti, sob a direcção da intelligente professora D. Alexandrina Castagnoli de Brito.

Pôde afirmar-se que ha anos a festa dos Congregados não tinha o luzimento que d'esta vez lhe imprimiram.



1. Sr.^a D. Alexandrina Castagnoli Curado de Brito, professora de canto, que regou a orquestra de senhoras e coros.—2. Senhoras que tomaram parte na orquestra: 1.^o plano sentadas as sr.^{as} D. Catarina de Moraes Torres, D. Emilia Rezende da Silva Dias e D. Maria Madalena Magalhães Dantas do Gama, violinistas; D. Maria Amelia de Paiva, harpista; D. Maria Amélia Maia Mendes, violinista; 2.^o plano: As sr.^{as} D. Beatriz Baulo, D. Irene Fontoura de Madureira Guedes, violinistas; D. Maria Helena de Carvalho, organista; D. Laura d'Artyeth Barbosa, D. Elvira d'Artyeth Andrade, D. Adelaide Pizarro e D. Berla Pereira da Costa, violinistas.

ta-feira quaresmal que se consagra ao culto da Senhora das Dôres, é das mais belas e inspiradas produções que nos deixou a poesia cristã da Idade Media.

Em versos latinos, medidos e rimados, fizeram os ascetas de então, S. Tomaz d'Aquino, S. Boaventura, Tomaz Kempis e tantos outros, uma verdadeira revolução literaria na arte metrica, mais tarde acompanhada pelos poetas das linguas neo-latinas.

O *Stabat Mater* tem dado motivo, desde tempos imemoriaes, a numerosas poesias e discursos, e ainda este ano, no templo dos Congregados, a sociedade elegante do Porto admirou a palavra eloquente, calorosa e suggestiva do distinto pregador conego Bernardo Choulzal, que se houve á altura dos eruditos d'aquelle púlpito, por onde tem passado as maiores notabilidades da tribuna sagrada portugueza, produzindo, inspirado n'esse tema, uma oração magnifica. Esta festa dos Congregados é das mais imponentes e grandiosas que



Senhoras que tomaram parte nos coros: 1.^o plano sentadas: D. Albertina Ferreira Gonçalves Samraio, D. Lucinda Correia de Freitas, D. Maria Adelaide Barbosa Martins Megre, D. Alexandrina Castagnoli Curado de Brito, D. Aida Pereira da Costa Barreto, D. Maria Josefa de Carvalho Magalhães Wandschneider, D. Leopoldina Augusta Pinto Basto Kopke de Carvalho, 2.^o plano em pé: D. Emilia Queiroz Ribeiro, D. Georgina Pereira da Costa, D. Cecilia Basto Lopes Correia, D. Irene Amaral Nogueira, D. Maria Amélia Vileas, D. Graziela Andrade Borges, D. Beatriz Pinto Basto Gomes de Sá, D. Corina Pinto Basto Gomes de Sá, 3.^o plano: D. Luiza Guedes da Costa Ferreira, D. Carmes Dumont Vileas, D. Maria Stela de Carvalho Neves, D. Candida Vileas, D. Sofia Dumont Vileas, D. Sofia Rezende da Silva, D. Inez de Castro Magalhães, D. Helena Marques de Souza.—(«Clichés do distinto fotografo portuense sr. Medina».)

O VELHO MUNDO EM GUERRA



Volta a falar-se de paz. Oxalá que d'esta vez haja mais probabilidades em acabar-se com

O que não pôde é esquecer os gravíssimos transtornos de caracter economico e financeiro



O general Villaret, comandante do 6.^o corpo do exercito francez, ferido na cabeça por uma granada alemã quando examinava uma trincheira.

O general Mannoory, chefe de outro corpo do exercito francez, ferido na cabeça pela mesma granada que feriu o general Villaret quando examinavam uma trincheira.

esta espantosa confagração que parece eternisar-se. Ha 8 mezes que ela lura contra as previsões dos mais autorisados que nos diziam, ao primeiro troar dos canhões, que os modernos conflitos armados se liquidavam mais rapidamente que os antigos. Este, em vez de se liquidar, tem-se complicando cada vez mais e tem-se arrastado morosamente, mercedos sistemas de combater, dos meios de ataque e de defesa que se vão improvisando, dos elementos de destruição que cada dia se vão descobrindo e experimentando reciprocamente contra o inimigo.

A guerra nas trincheiras chega em alguns pontos a offerecer como que o aspéto de um *sport*, que distrae os homens, que os absorve, que os entusiasma! Muitas das fotografias d'esses pontos, longe de inspirarem o pavor, a dolorosa compaixão, que nos inspiram os aspétoes ferozes e sanguinolentos da luta, dão-nos realmente a impressão de que a vida de campanha entrou perfeitamente nos habitos d'aquella gente. Se a guerra se prolonga, o publico ha de tambem desinteressar-se d'ela como se desinteressou do conflito balkanico.



Uma carga de baloneta dos francezes contra os alemães em Saint Michel (The Sphere).

que está causando por todo o mundo; é até no meio d'esta pungentissima crise geral que mais se aneia pela paz e se pergunta ainda de vez em quando em que alturas va e essa chacina que da Alemanha irradiou para o velho mundo. E' realmente tempo de se lhe pôr fim; se não, pouco tardará que metade da humanidade não esteja em guerra com a outra, equilibrando-se no duelo paavoroso de adversarios eguaes que se golpeiam, se mutilam,

e acabam por succumbir ambos.

E' ainda a America que, d'esta vez, a solicitações de illustres parlamentees italianos vae intervir no caso, secundando o Vaticano este movimento de tão simpatica politica internacional.

Por ora a paz ainda se pôde fazer sem maior desdouro para nenhuma das potencias beligerantes, embora já não haja indemnisações materiaes possiveis para tanta ruina, para tanta perda de vida.

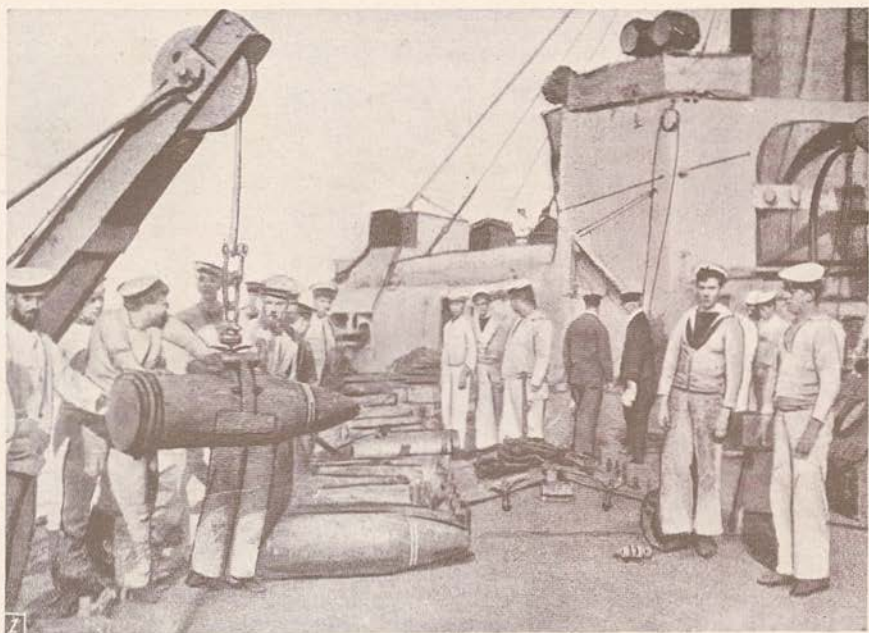
Assim, não a deixem perder outra vez!

O terror em Constantinopla



Um grupo de damas de Constantinopla. — Por ocasião do bombardeamento dos Dardanelos, chegou-se a acreditar na capital da Turquia que esta não tardaria a cair em po-

der dos aliados, apoderando-se um grande pavor sobretudo do elemento feminino que começou a sair em grandes grupos para Philippolis e para Bucarest.



Nos Dardanelos

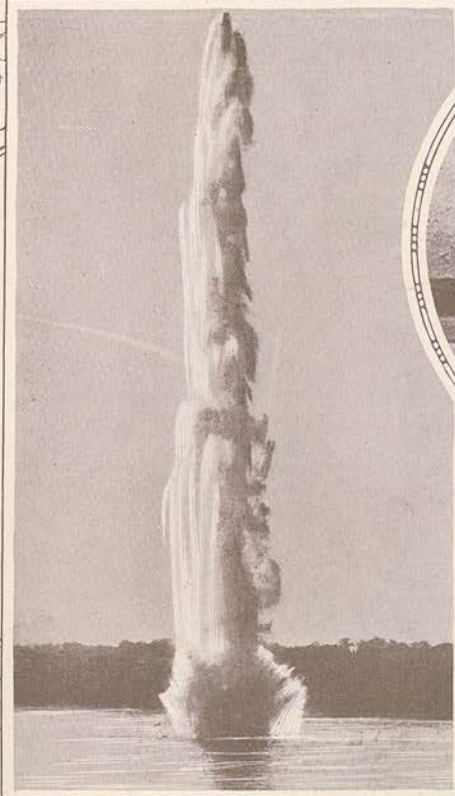
Continúa o novo ataque aos fortes e baterias do historico estreito, e d'esta vez em melhores condições que da primeira. São muitas e poderosas as unidades inglesas e francezas, não faltando a ação complementar dos submarinos e dos aeroplanos. As noticias trazidas pelo telegrafo são o mais animadoras possiveis. A nova esquadra aliada sob o comando do valente almirante sir De Robeck que ainda ha pouco Lisboa teve a



1. O ataque aos Dardanelos: Carregando um canhão de grosso calibre a bordo de um couraçado inglez—2. O almirante Inglez De Robeck, comandante das esquadras aliadas que operam nos Dardanelos—O couraçado francez *Laure Gambetta*, que substituiu o *Bouvet* que se afundou nos Dardanelos.—(«Gilchês» M. Branger).

honra de receber em missão especial do governo

inglez, não levará decerto muito a



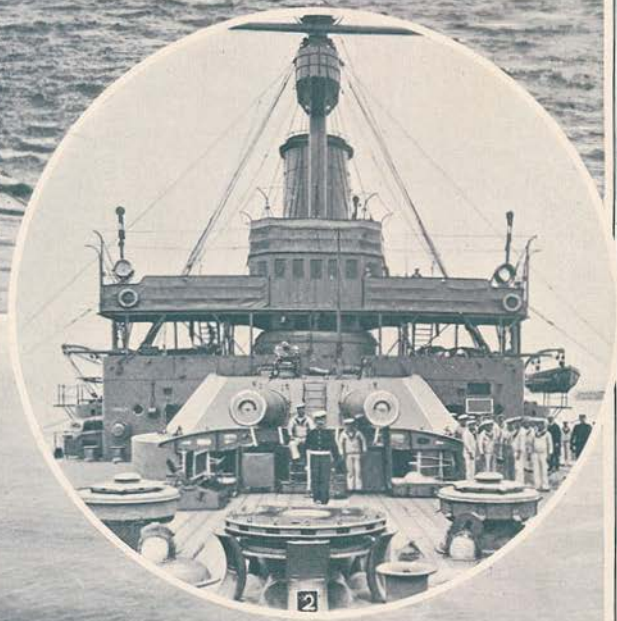
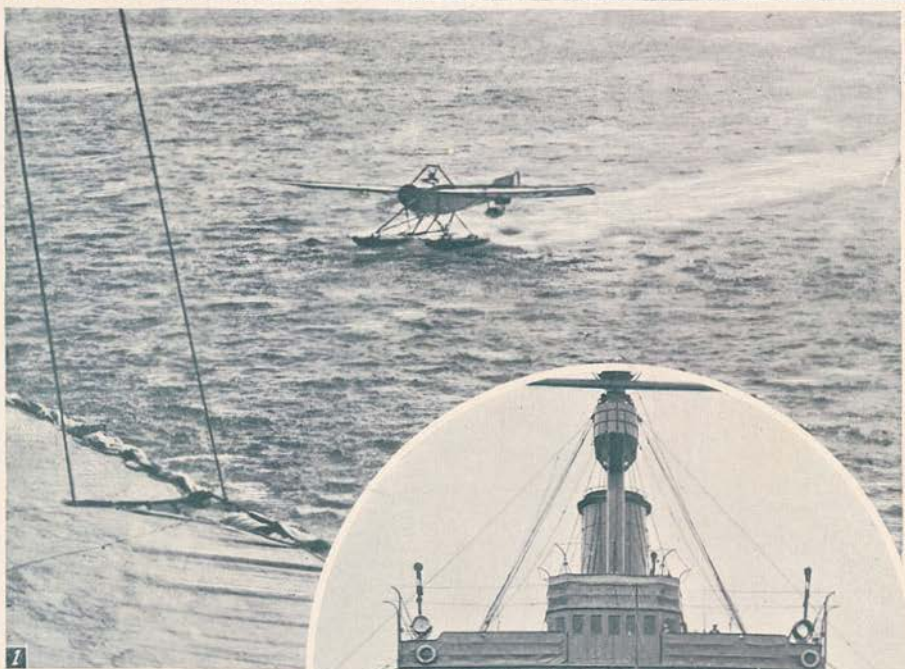
ganhar o mar de Marmara e finalmente o Bósforo, que já está sendo bombardeado pela esquadra russa do Mar Negro. No dia em que se reunirem as duas esquadras devem os países aliados celebrar uma das suas maiores vitórias.

Rendida Constantinopla e todas as outras cidades turcas tanto da margem da Europa como da Ásia, a Alemanha terá perdido um dos melhores esteios em que se firmava para não entrar ainda em negociações de paz.

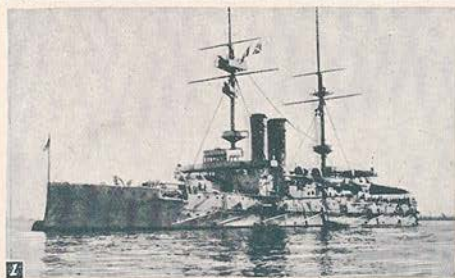


1. A explosão de uma mina — 2. Outra mina explodindo — 3. Fotografia de um aspecto da entrada dos Dardanelos, tirada de bordo de um couraçado inglês

(*Clíchê M. Branger).



1. Regresso de um hidroaeroplano a um couraçado depois de ter feito um reconhecimento nos Dardanelos.—(«Cliché» M. Branger).—2. Na ponte de um couraçado Inglês—3. Marinheiros francezes levantando as minas no estreito de Dardanelos («Cliché» Branger).

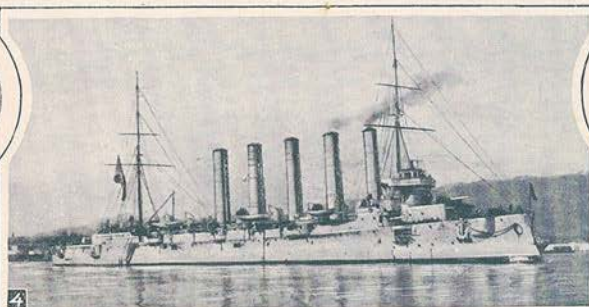


O cruzador inglês «Canopus», atualmente nos pardanelos e que tomou parte no combate de Falklands

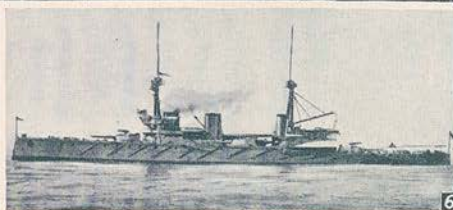
O cruzador inglês «Euryalus», que tomou parte no bombardeamento de Smyrna



O vice-almirante Boné de Lapeyrière, comandante da esquadra francesa do Mediterrâneo



O vice-almirante «sir» Richard Peirse, comandante da esquadra inglesa que bombardeou Smyrna



5. O couraçado russo «Askold», que se juntou às esquadras aliadas dos Dardanelos

5. O cruzador inglês «Prince George» que bombardeou Dardanos

6. O cruzador inglês «Inflexible» em operações nos Dardanelos



O couraçado francês Suffren que tomou parte no bombardeamento dos Dardanelos



NOS DARDANELLOS: O cruzador francez "Bouvet" no momento de ser atingido por uma mina que o afundou

(Desenho de Stuart Carvalhães).

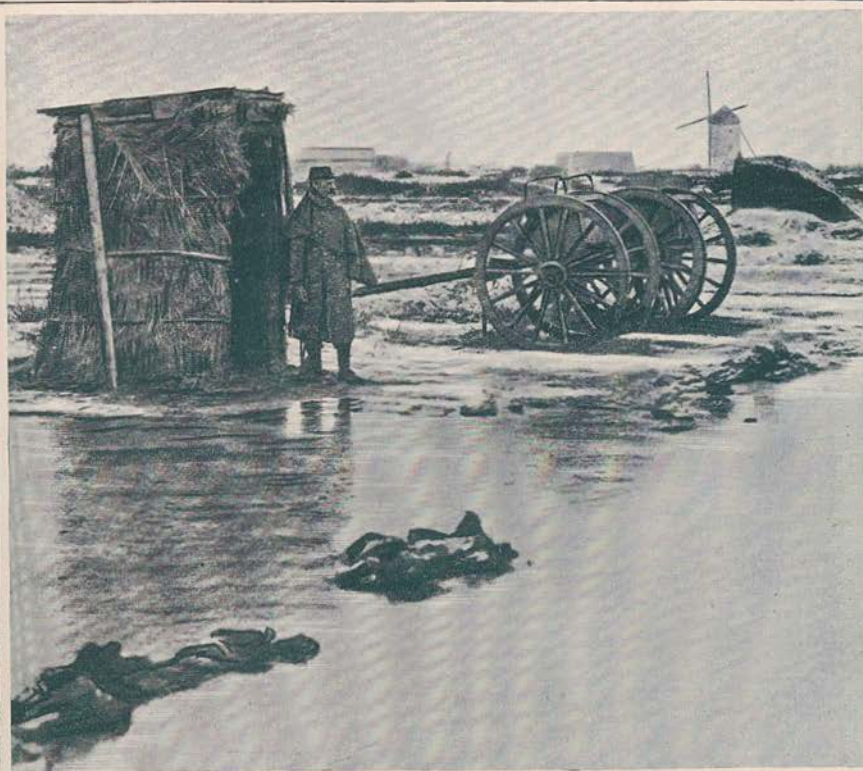
UMA CONFERENCIA DIPLOMATICA EM ROMA



O principe de Bulow e o sr. Salandra

O governo alemão boas diligencias tem feito para que o governo italiano se mantenha na mais estrita neutralidade. Varias missões tem sido confiadas á diplomacia para ver se o consegue. Da ultima foi encarregado o principe de Bulow, um dos mais habéis diplomatas alemães, que teve com o sr. Salandra, illustre presidente do governo italiano, uma con-

ferencia que durou horas, havendo momentos de acalorada discussão. Diz-se que o embaixador alemão ofereceu as maiores compensações possíveis em nome da Austria, mas o sr. Salandra manteve-se firme na sua resposta de que a Italia deixaria a neutralidade desde que os altos interesses do estado assim o exigissem.



1. Uma sentinela nos campos inundados ao norte da França
2. Nos Vosges: A Infantaria alemã, saindo de um bosque para um assalto

Escapando à derrocada. — Aos aspectos que a *Ilustração Portuguesa* já tem dado de imagens e esculturas de Cristo, que ficaram indenes, dominando as ruínas que a metralha alemã lhe sençou em volta sem as atingir, temos hoje a acrescentar mais um e esse não é menos comovente, como se vê da fotografia que reproduzimos ao lado, tirada d'uma propriedade perto de Pommeraye, um dos recantos mais pitorescos da França.



Os "Zeppelins" sobre Paris. — Afirmou-se que a bela capital da França e seus arredores pouco sofreram, felizmente, com as bombas que lhe arremessaram os Zeppelins na madrugada de 20 para 21 de março. Efetivamente, assim foi; muitas das bombas nem chegaram a rebenotar e outras mos traram-se de pequena força explosiva. Para se fazer idéa damos a fotografia d'uma casa em Levallois-Perret, que foi a que sofreu maiores prejuízos.





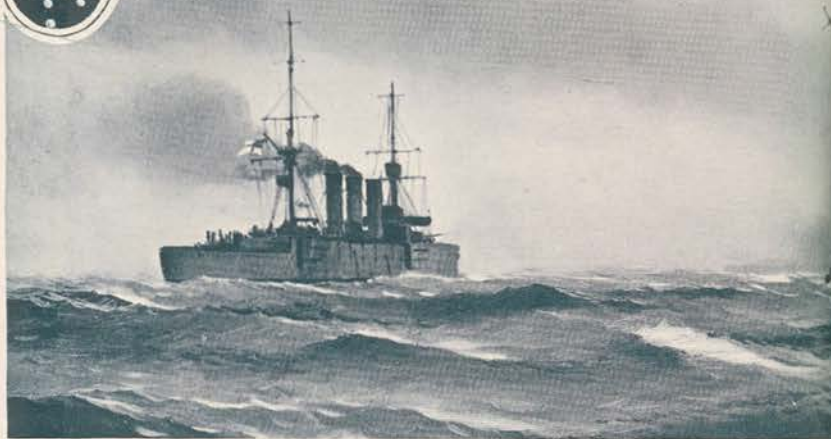
VENHAM OS DO REI!

Assim se gritava pelo valente regimento de Liverpool, (regimento do Rei) para embargar o passo aos alemães que pretendiam ir em socorro dos seus na

batalha de Neuve Chapelle travada a pequena distância. E tão depressa acudiram os bravos de Liverpool e foi tal o seu triunfo que derrotaram os refor-

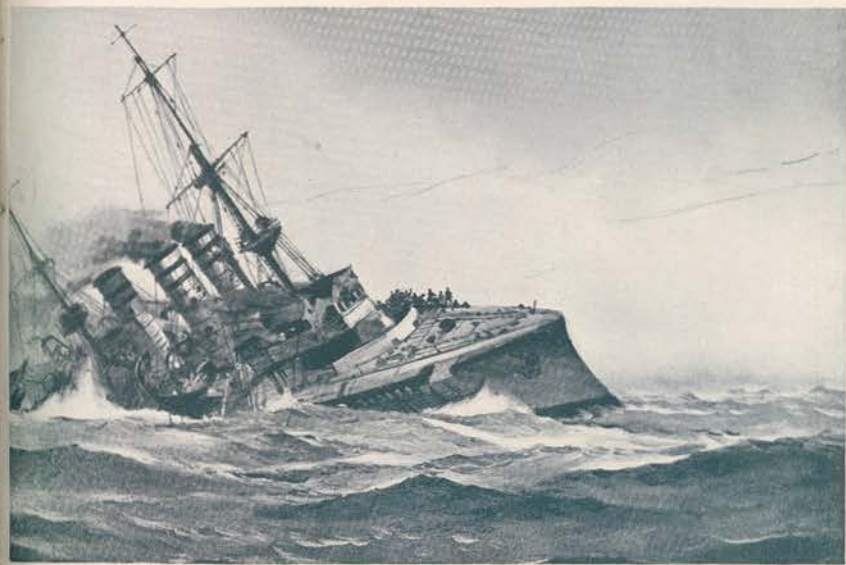
ços germanicos e os exercitos aliados venceram a batalha. E' um dos episodios mais memoraveis da atual guerra.

(The Illustrated London News).



O cruzador alemão "Nuruberg" metido a pique. — Mal despontava o dia quando o *Nuruberg* foi avistado pelo cruzador britânico *Kent* ao seu alcance. O valente co-

mandante do *Kent*, J. D. Allen, cujo retrato publicamos acima do seu navio, mandou fazer fogo. Ripostou-lhe o *Nuruberg*, durando o combate hora e meia, cessando tan-



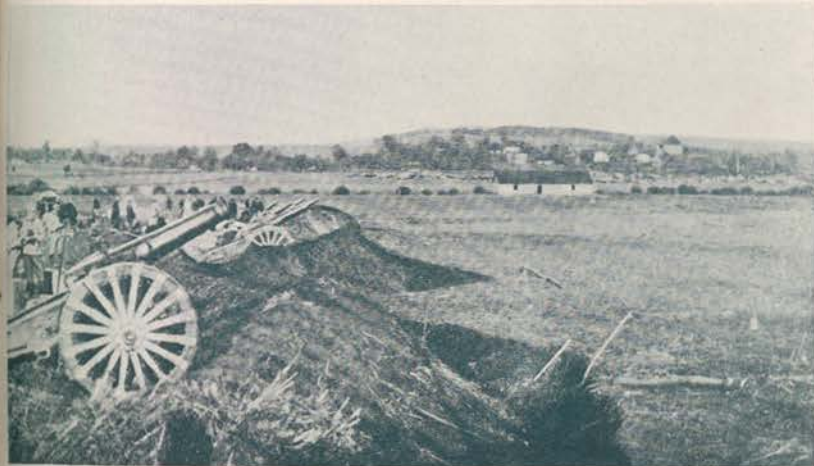
tem o fogo do navio inglês logo que o alemão o cessou, vendo-se à proa d'este a fumaceira de um grande facendio. O comandante Allen mandou logo fazer preparativos de sai-

vação, mas o navio afundava-se pouco depois, conseguindo-se apenas salvar 12 homens. Os outros foram para o fundo com o seu navio agitando a bandeira alemã até desaparecerem.



Nos campos de batalha da Galícia. — Teem sido consideráveis as perdas dos austríacos sobretudo na sua arti-

lharia, devendo eles muitas derrotas em ações cujo exito dependia essencialmente d'ela. Peças antigas e material, se-



gundo se afirma, Como se diz e esta fotografia o confirma, o que eles teem mais são canhões de 6 polegadas sem cin-

lindros de recuo, e por conseguinte enorme falta de armas de tiro rapido.

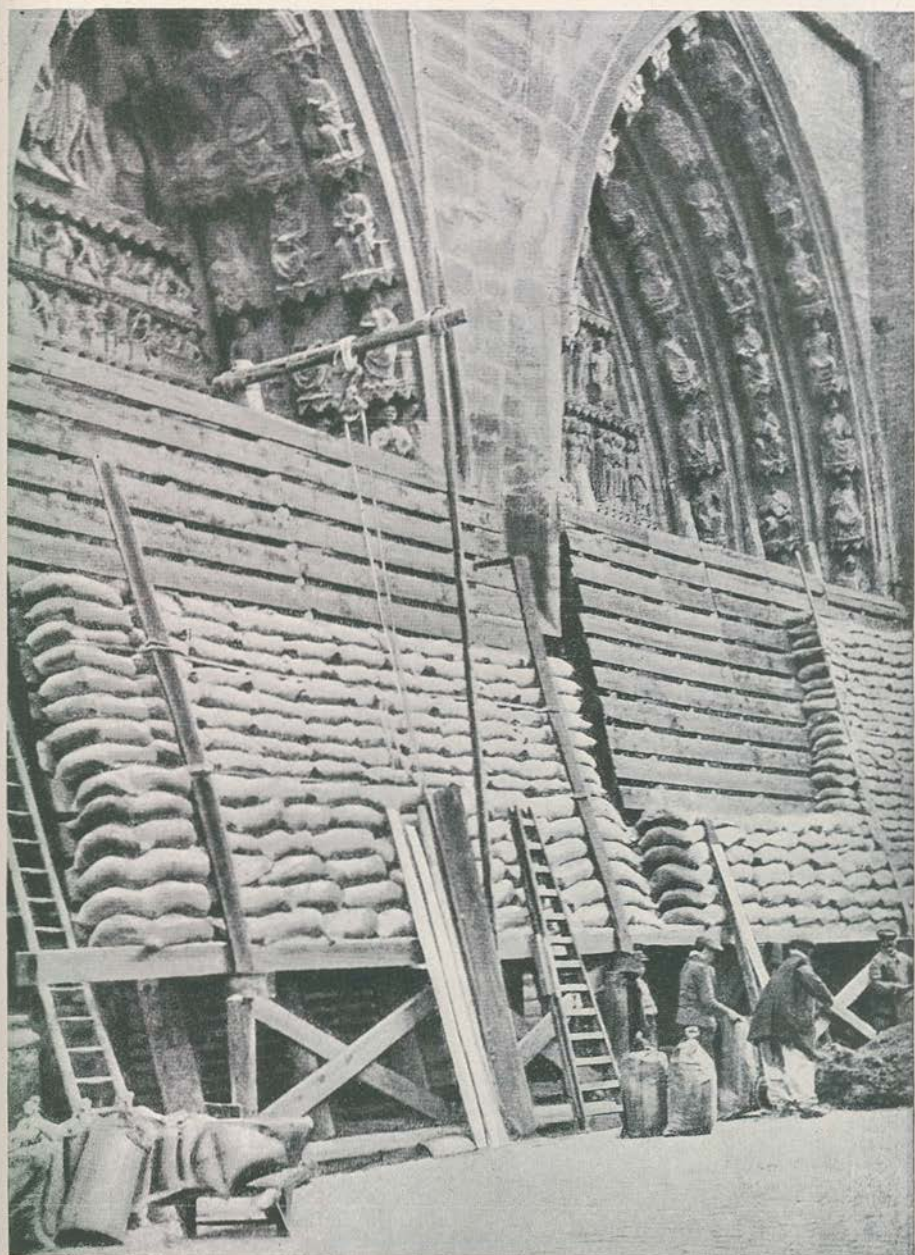
(The Sphere).



Os tais obuzes do canhão 42 centímetros dos alemães andam na tradição envoltos em pavor, havendo ainda pessoas que duvidam das suas gigantescas dimensões. Pois ahi tem a fotografia de um. Mede 1,75 da base á ponta e pesa nada menos de 956 kilos! Foi atirado de um ponto, distante 12 kilometros do forte

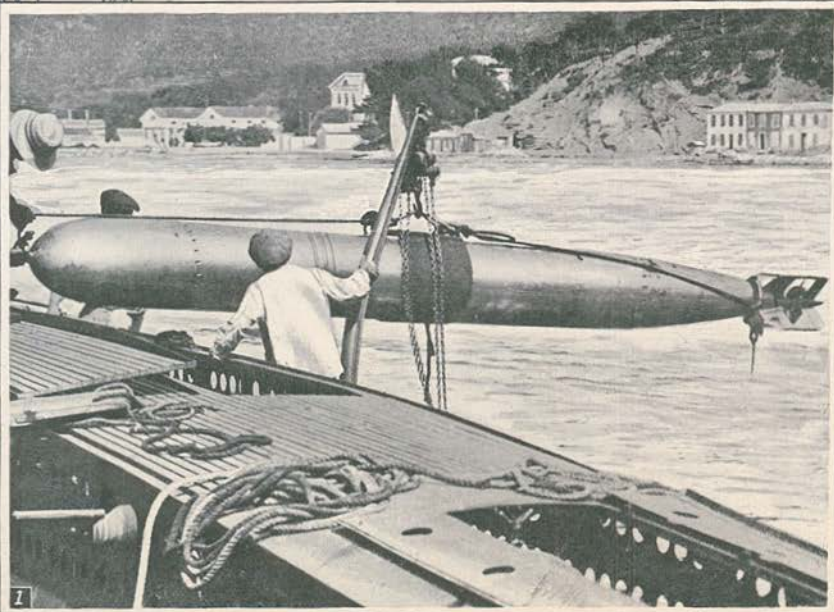
de Verdun, onde caiu sem explodir nas primeiras linhas de defeza. Ladeando o 42, vêem-se, para melhor se avaliar do seu disforme tamanho, um obuz francez de 75 milímetros e outro alemão de 77 milímetros. Não pode haver mais frisante contraste entre estes dois projeteis que já não são pequenos e o brutal 42.

PROTEGENDO A CATEDRAL DE REIMS



De vez em quando os alemães, no furor do desespero de se verem constantemente derrotados, voltam a bombardear a maravilhosa catedral de Reims, já tão danificada pelas suas granadas. Para obviar ao estrago de

mais preciosidades, os franceses estão protegendo o templo com paredes formadas de sacos de areia empilhados sobre armações de madeira oxala que realmente seja este o meio seguro de salvar tantas preciosidades. — (The Sphere,



Num arsenal francez.— Os arsenaes de França encontram-se no maximo da sua atividade. Todos os dias sae d'elles magnifico material de guerra

tanto para a luta de terra como para a do mar, tornando-se notaveis os torpedos pelo seu numero e pela sua qualidade.

(Cliché Branger)



Transporte de munições para uma colônia inglesa



Soldados alemães ouvindo missa na catedral de Anvers



O descanso de uma patrulha austriaca

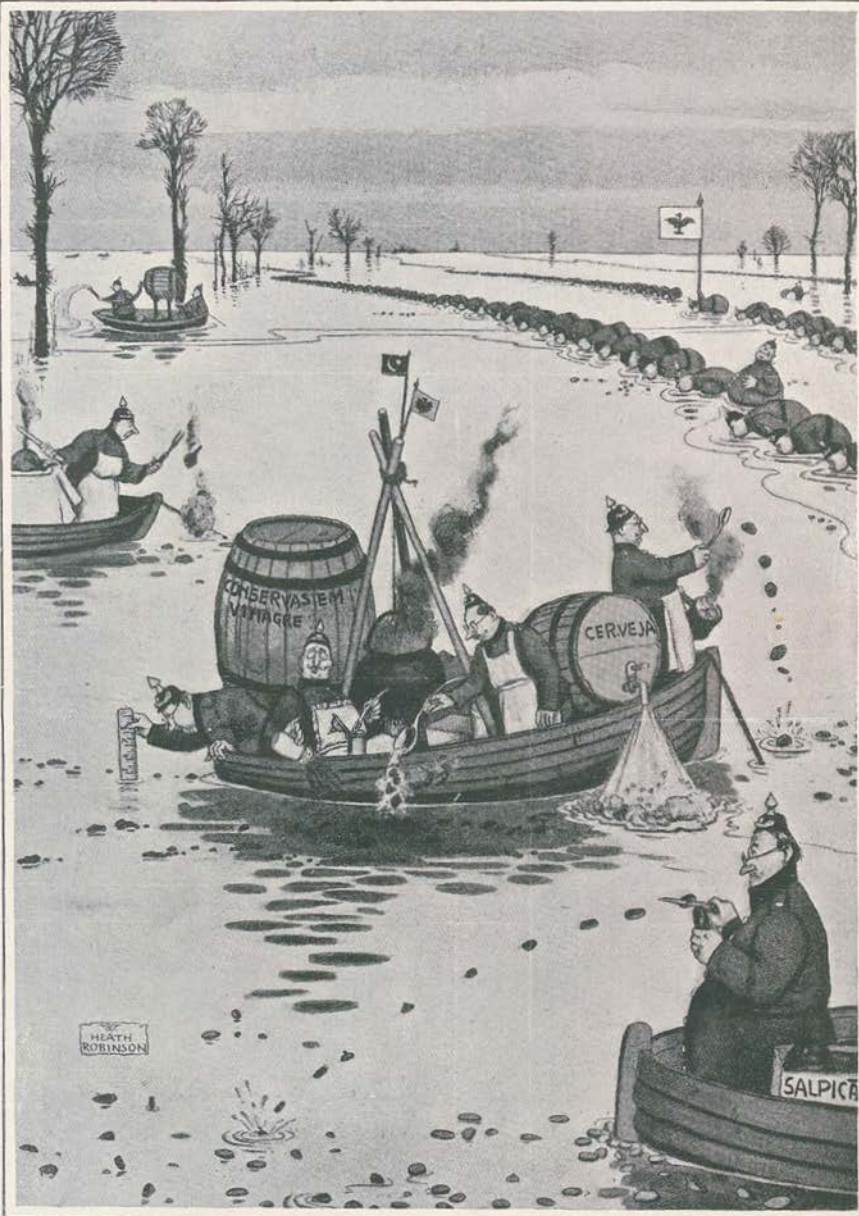


2. Hali-Bel, presidente da câmara dos deputados turca, passeando nas ruas de Berlim, onde foi conferenciar com os membros do governo alemão.



3. Um poste de observação na fronteira suíça.

TRABALHO BEM FEITO

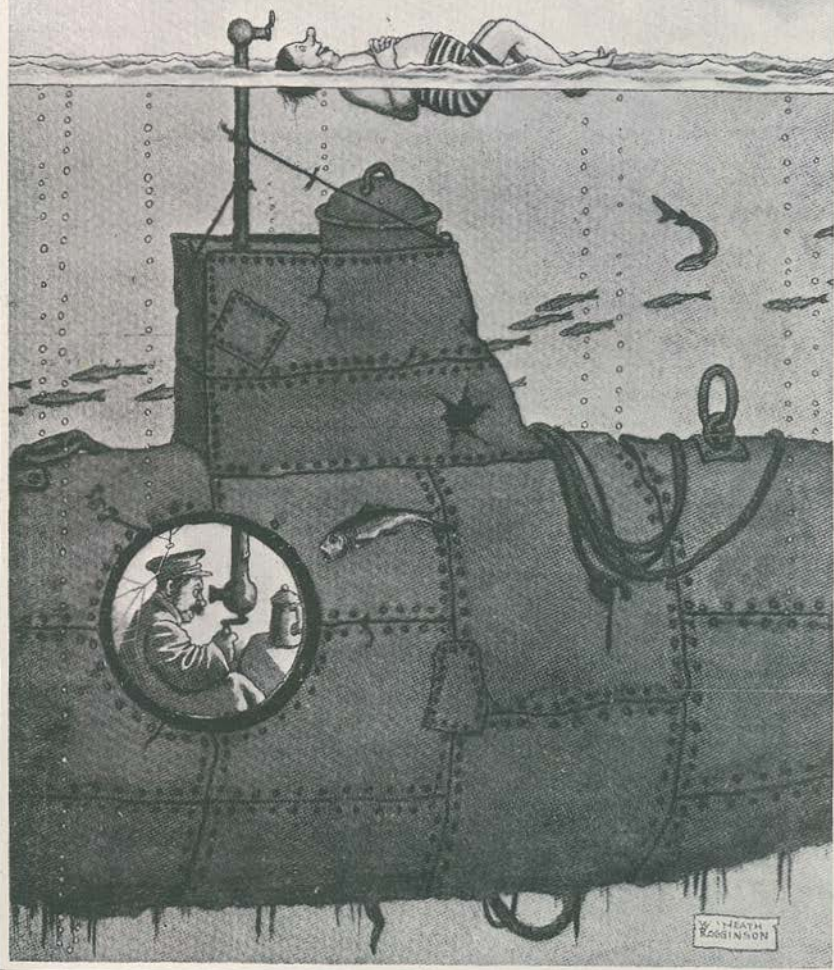


Processo original dos alemães para esgotarem as cheias da Bélgica

A' maneira de tempero os alemães deitaram na água cerveja, salpicão, mãos-cheias de hortaliças e legumes de conserva, e puzeram a beber, com gran-

de delícia, essa repugnante e colossal mixórdia, as suas tropas, cuja voracidade insaciável de odres ainda acharam pouco toda a enchurrada. — (The sketch).

NAS COSTAS DA ESCOSSIA



A nitidez das imagens do periscopio alemão: «Que maravilhosa coisa! Isto deve ser por força a bela Ben Nevis, de que tanto tenho ouvido falar!»

(«Ben Nevis» é uma linda montanha da Escóssia docemen e recortada e alva de neve, que o perspicaz alemão sacilegamente confundiu com as protuberâncias grosseiras de um banhista que nada de costas por cima do submarino.—(«The Sketch»).

Praça do Campo Pequeno.
—O distinto *sportsman* sr. Carlos Viana, pertencente a uma das famílias mais ilustres de Lisboa e um dos mais entusiastas aficionados do toureio, tomou de arrendamento esta praça, onde conta efectuar corridas excelsas, contando já com os melhores elementos nacionaes e estrangeiros. E, para conseguir uma epocha verdadeiramente



Os srs. Carlos Viana e J. J. dos Santos Segurado, empresarios da praça do Campo Pequeno

extraordinaria, chamou para o seu lado o sr. J. J. Segurado que, em consecutivas epochas, tem organizado com tanta intelligencia como actividade as melhores corridas, tanto n'esta praça, como na de Algés, de que é empresario. Tudo leva a crer que ambos, com os vastos conhecimentos que tem do assunto, proporcionem aos aficionados boas corridas.



3. Assistencia ao espectáculo que o curso dos aspirantes em Mafra promoveu a favor da Cruz Vermelha, no gremio da vila
4. Cena X do *Festim de Bullazar*. Da direita para a esquerda os aspirantes srs. Modesto, Gomes, Lobo, C. Ferreira, Ferreira Junior, Simões Dias, Chaves, Vinagre, Abel da Costa, Arcosa, Lara Reis, Duarte Ferreira e Nunes da Silva

A «Vila Saraiva» em Gouveia. E' deliciosa e lindissima esta propriedade que na vila de Gouveia possui o sr. Alfredo da Cunha Saraiva que, guiado pelo seu finissimo espirito artistico, lhe tem introduzido melhoramentos que a tornam deveras encantadora. Ainda não ha



muito, para estabelecer o acesso a uma gruta curiosa que n'aquella propriedade existe, mandou construir uma ponte de cimento armado que é uma obra artistica de grande valor. Esta propriedade é muito visitada por turistas, que ficam encantados com a sua beleza.



5. Ponte em cimento armado que conduz á gruta da Vila Saraiva, em Gouveia—6. A frente da gruta—7. Um trecho da Vila Saraiva. O proprietario, + sr. Alfredo da Cunha Saraiva. —(Cliches do distinto amator sr. Raul Saraiva de Carvalho).

1. A menina Al-da Caratão Falção, filha do com-merciante sr. Joaquim Monteiro Falção, e da sr.ª D. Emilia Rosa Caratão, falecida em Lisboa. A infeliz menina contava 16 anos de idade, deixando inconsoláveis seus pais.



3. A sr.ª D. Maria Augusta de Oliveira Abranches, irmã do agente do *Seculo* e da *Illustração* em Cella, onde faleceu vítima da tuberculose, contando apenas 21 anos, sendo muito sentida a sua morte.



2. A sr.ª Condessa de Carla (D. Emilia de Menezes A. Castelo Branco), viúva do conde do mesmo título, falecida em Gouveia. O sr. Alípio Coelho de Sampaio, tio do nosso amigo e disuntolaborador sr. dr. Augusto de Castro, falecido no Porto—5. O sr. Manuel José de Sousa, comerciante, falecido em Lisboa—6. O sr. Francisco António Nunes Xavier, «O Velho Minhoto», abastado proprietário e capitalista em Escalhão, onde faleceu—7. O major reformado sr. João Luiz d'Azevedo, falecido em Lisboa—8. O sr. D. Domingos da Silva Aires, comerciante e proprietário, falecido em Lisboa—9. O sr. Abel Augusto de Sousa Pinho, secretário da camara de Ovar, falecido nesta via—10. O sr. Alexandre Perrel a Jorge, proprietário em Agulm (Bairrada), onde faleceu—11. O sr. Manuel Pina Vidal, comerciante, falecido ha dias em Lisboa.

Manifestação de sargentos.

—Foi imponente a manifestação de sympathia que os sargentos de artilharia 5, aquartelada no Porto, fizeram ao seu coronel, o sr. Julio Maria da Conceição Ferreira, que é estimadissimo no exercito pelas suas brilhantissimas qualidades pessoas e pelo seu caracter, de uma retidão a toda a prova.



O coronel sr. Julio Maria da Conceição Ferreira



O sr. D. José Alves Mateus, novo arcebispo da Guarda

Arcebispo-bispo da Guarda

—Os fieis da diocese da Guarda ficaram plenamente satisfeitos com a nomeação do seu novo prelado, que recaiu no sr. D. José Alves Mateus, sacerdote de reconhecidas virtudes e muito estimado e respeitado entre o clero, de que é um dos mais inconfundiveis ornamentos.



14. No Sul de Angola.—Sargentos expedicionarios da 12.ª companhia de infantaria 20: 1.º plano, da esquerda para a direita, 2.º sargento, Manuel C. Teixeira, 1.º sargento Adolfo Leopoldo, 2.º sargento Alberto M. Quintas; 3.º plano, 2.º sargento Joaquim A. M. da Silva, Francisco S. Parreira e Francisco Alves—15. Soldados expedicionarios de artilharia: 1.º plano, da esquerda para a direita, Heltor Henriques da Costa, artilharia 2; Antonio Ravallo da Cruz, artilharia 1; 2.º plano: Francisco de Jesus Parreira, artilharia 1; Serafim Pereira dos Santos, artilharia 2 e Afonso José de Figueiredo, artilharia 2.

TEATROS



A atriz Amalia Melendez, 1.^a tiple comica atualmente no teatro Politeama



Salvador Videgain, primeiro ator comico diretor da companhia de zarzuela, atualmente no Politeama



A atriz Lina Ferreira, no teatro da Rua dos Condes.



O ator Luciano de Castro, no teatro da Rua dos Condes.

"O Relogio Magico" no Teatro da Trindade

Quem estas linhas escreve só conheceu Eduardo Garrido no ultimo periodo da vida d'este amavel e alegre escritor—o mais despreocupadamente alegre talvez de quantos, nos ultimos cincoenta anos, riram no teatro portuguez. Garrido estava já, n'essa altura, cansado e exgotado pela vida de permanente boémia que tivera. Mas era ainda, na expressão lenta da sua conversa, um adoravel cavaqueador. Outros manejaram, como Gervasio Lobato, incomparavelmente melhor do que ele, a graça das situações e a observação caricatural—mas ninguem cultivou, com um poder de imaginação e uma *verve* mais ferteis, o calembourg e o trocadilho, no dialogo.

Essa especialidade deu-lhe uma extraordinaria voga. O adaptador admiravel da *Grã-Duqueza* e da *Mascolte* foi com certeza o homem [que, em Portugal, ganhou mais dinheiro, como autor teatral. Houve momentos em que quatro teatros exploraram, ao mesmo tempo, o seu nome no cartaz. Extremamente prodigo, não havia dinheiro que lhe chegasse. Ora estava em Paris—ora em Lisboa: andava n'um permanente rodopio do Chiado para o *Quartier Latin* e sempre, inexoravelmente, n'um aperto extremo de dinheiro.

Por ultimo, a sua graça, como tudo n'este mundo, perdeu de moda. A sua adaptação do *Bourgeois Gentilhomme*, representada, no tempo da gerencia de Maximiliano de Azevedo, no teatro D. Maria, tinha ainda pilhas de graça pelo arranjo successivo, constante, dos motivos de trocadilho—o que, literariamente, como respeito pela tradição molieresca, não era feliz—mas já não fazia rir tanto o publico. O

trocadilho tinha feito o seu tempo e hoje é uma fórmula já infantil de humorismo.

O *Relogio Magico* que o Teatro da Trindade agora ressuscitou é uma magica modelo e, como documento do espirito de Eduardo Garrido, é do melhor. A magica, a magica d'ha trinta ou vinte anos, era aquilo—ingenua, conto de fadas, um pouco mesmo conto da carochinha. Mas como ainda é divertido e simples! E como a graça, a graça inofensiva de Garrido, é ainda admiravel de fecundidade e de expontaneidade!

O espectáculo em beneficio dos feridos da guerra, no Teatro Apolo

Um espectáculo variado, entusiastico, por todos os titulos simpatico, o do Apolo, na terça-feira passada, em favor da subscrição d'*O Seculo* para os feridos da guerra. Como nota mais acentuadamente artistica, teve a esplendida criação de Chaby no *Velho Alsaciano*, em que o heroismo e a ternura vibram intensamente. Foi uma noite de festa—e uma noite consoladora, pela sua significação e pelos seus intuitos.

A zarzuela no Politeama

As *tiples* lá continuam no Politeama, sorindo e cantando. E, para fazer companhia ás *tiples* do cartaz, já cá temos outra, a terrivel Mercedes Gay—que tem uns olhos e um *sangre* capazes de tentarem Santo Antonio... se o taumaturgo fosse, como ainda esperamos que vá, ao Politeama vêr as *Musas Latinas* e aplaudir as ...*Bribonas*—salvo seja.

A. DE C.